

**A RESISTÊNCIA DAS DANDARAS CONTEMPORÂNEAS:
as formas informais de organização das mulheres negras
moradoras de áreas segregadas¹**

Valdenice José Raimundo^(*)

Resumo

Este estudo se propôs a estudar a realidade das mulheres negras que habitam as áreas pobres. Sendo assim, teve como objetivo: analisar as mudanças sociais ocorridas através da organização informal no cotidiano das mulheres negras moradoras de áreas segregadas, denominadas de favelas ou território de maioria negra. O estudo foi realizado com mulheres que se declararam negras e moradoras da comunidade Bola de Ouro em Jaboatão dos Guararapes – PE. A pesquisa traçou uma relação entre o passado histórico do negro em geral, e em particular, das mulheres negras com a atualidade. Para isto utilizou o levantamento bibliográfico. Os dados empíricos foram obtidos por meio da observação participante e da entrevista semiestruturada, e analisados a partir da perspectiva crítica. O estudo considerou ainda as questões de gênero, raça e classe. Foi evidenciado que ocorreram mudanças no cotidiano das mulheres negras a partir da organização informal que se manifesta como alternativa de resistência às situações advindas da pobreza e das desigualdades presentes na condição de mulher e negra na sociedade brasileira. Da resistência ao comodismo-resistente, entre a força e a fraqueza, essas mulheres negras, influenciadas pelo discurso de igualdade de direitos presentes nos movimentos feminista e negro, e a partir da organização informal, vão elaborando na sua vivência cotidiana uma releitura da sua realidade social, buscando meios para transformá-la.

Palavras- chave: Gênero. Raça. Áreas Segregadas.

**RESISTANCE OF CONTEMPORARY DANDARAS:
the forms of informal organization of black women
segregated areas residents**

Abstract

This study aimed to study the reality of black women who inhabit the poor areas. Thus, we aimed to: analyze the social changes through informal organization in the daily lives of black women living in segregated areas, called favelas or territory of black majority. The study was conducted with women who declared themselves black and community residents Golden Ball in Jaboatão dos Guararapes - PE. The survey drew a link between the historical past of the black in general, and particularly black women with the present. For this we used the literature. Empirical data were obtained through participant

¹ Este trabalho foi apresentado no encontro da 18ª Redor que ocorreu entre os dias 24 a 27 de novembro de 2014.

^(*)Doutora em Serviço Social/UFPE. Professora da Universidade Católica de Pernambuco. Líder do Grupo de Estudos em Gênero, Raça e Políticas Públicas. E-mail: valjrbr@yahoo.com.br.

Texto recebido em: 30 mar. 2016. Texto aprovado em: 18 Ago. 2016.

observation and semi-structured interviews, and analyzed from the critical perspective. The study also considered the issues of gender, race and class. It was shown that there were changes in the daily lives of black women from the informal organization that manifests itself as an alternative of resistance to situations arising from poverty and inequality present in womanhood and black in Brazilian society. Resistance to self-indulgence-resistant, between strength and weakness, these black women, influenced by equal speech gifts rights in feminist and black movements, and from the informal organization will working out in your daily life a reinterpretation of its reality social, looking for ways to make it.

Keywords: Gender. Race. Segregated Areas.

Introdução

A mulher negra tem sido ao longo da história, uma das maiores vítimas da profunda desigualdade racial na sociedade brasileira. Este quadro pode ser representado pelas baixíssimas condições socioeconômicas, como também, através das diversas formas de manifestações do racismo e das contradições de classe e de gênero (Bento, 2002).

A vida difícil das mulheres negras e sua resistência têm sido, ao longo da história, reveladora da sua capacidade de luta e organização. A grande maioria nunca aceitou passivamente a condição imposta pelo sistema econômico, social e racial que determinou e definiu as diversas formas de opressão que lhes foram impostas e que as discriminavam e subjugavam (Raimundo, 2002).

A luta das mulheres negras é uma luta diária, pois na sua grande maioria são elas que mantêm a casa e os filhos (as). As mulheres pobres do terceiro mundo têm dentre suas diversas tarefas a de garantir a reprodução familiar (Moser, 1995). Essa situação expressa a importância da mulher negra na manutenção da vida social, como também demonstra que a pobreza que a cerca se coloca como obstáculo ao acesso dos bens e serviços necessários a sua sobrevivência.

Os negros são majoritariamente pobres na sociedade brasileira e povoam as favelas que formam verdadeiros centros periféricos, espaço visto como gerador de violência, muitas vezes ocasionado pelo desemprego e a fome (Silva, 1995). Neste trabalho a favela será entendida como um território de maioria negra, como construção da base material sobre a qual é produzida a história (Lima, Cunha, 2001; Santos, 2002).

É neste espaço que cotidianamente a mulher negra garante sua sobrevivência, se relaciona com as múltiplas formas de manifestações do racismo, com as desigualdades de gênero e desenvolve diversas formas informais de organização geradoras de mudanças

sociais. A experiência cotidiana da mulher pobre exige que ela negocie, reivindique, faça alianças, ou seja, estabeleça diálogo com diferentes interlocutores. Dito de outra forma se organize criativamente diante da dinâmica da sua realidade (Rezende, 1994)

Andrade (1997) concebe a vida cotidiana como sendo a vida de todos os dias, de todas as pessoas, de todos os segmentos sociais, variando conforme o grupo e a classe social. São ações rotineiras que trazem insatisfação, opressão, mas também segurança.

Gebara (2000) considera que no cotidiano se instala a luta pela vida, por trabalho, alimentação, água, troca de gestos de amor e sentido imediato para a existência. A vida cotidiana é uma das principais formas de manifestação da história, sendo circunscrita pelos diferentes momentos socioeconômicos e políticos por seus limites e condicionamentos. Por sua vez, está sempre presente a possibilidade de superação desses limites, através da busca da transformação do próprio cotidiano (Lima, 1983: 41).

É na vida cotidiana que o ser humano se depara com alternativas e escolhas, onde se forma a consciência do “eu” e do “nós”. O cotidiano tem como forte característica a rotina que impõe às pessoas a necessidade imediata de uma reação. A vida cotidiana pode ser considerada como um espaço dialético onde convivem submissão e rebeldia, repetição e criatividade (Heller, 1972).

É no espaço da vida cotidiana que as formas de organização informais, enquanto processos que se estabelecem para manter a existência e a sobrevivência se desenvolvem originando mudanças sociais. A organização informal emerge espontaneamente entre as pessoas a partir de relações de amizade ou inimizade com duração e intensidade variável, possui alto nível de colaboração entre membros do grupo e pode se desenvolver como oposição ou complemento à organização formal. O que dá origem a uma organização informal são os interesses comuns que se desenvolvem entre as pessoas que passam a se sintonizar mais intimamente (Chiavenatto, 1972).

Diante disto, pode-se considerar que o cotidiano da favela com sua dinâmica informal, não está desarticulado das grandes estruturas econômicas e políticas da sociedade. As experiências vivenciadas no cotidiano das mulheres negras na favela estão diretamente relacionadas aos acontecimentos globais, ou seja, não é possível conhecer a sociedade sem conhecer o cotidiano e o cotidiano sem o conhecimento crítico da sociedade.

Mulher Negra, Gênero e Movimentos Sociais

Entender e interpretar a realidade da mulher negra demanda uma compreensão da categoria gênero. Aqui entendida enquanto uma construção social, historicamente determinada. Essa forma de entender a realidade vai demonstrar que nas relações estabelecidas entre mulheres e homens, a mulher é colocada em um lugar subordinado. Outro aspecto importante a destacar é que é uma forma de apreensão da realidade que difere de uma compreensão meramente baseada no sexo.

Demarcar historicamente a inserção das mulheres negras nos movimentos feminista e negro demanda que, anterior a esta análise, se situe brevemente os movimentos sociais e como o movimento feminista e negro é contemplado e se relaciona com este espaço de organização. Os movimentos sociais existem há muitos séculos, mas apenas na década de 70 mereceram a atenção dos cientistas sociais. (Ammann, 1991).

Analisando o pensar de Touraine e Castells, a autora acima citada enumera princípios que caracterizam os movimentos sociais e a partir deles ela constrói seu próprio conceito. Qual seja: “*Uma ação coletiva de caráter contestador, no âmbito das relações sociais, objetivando a transformação ou a preservação da ordem estabelecida na sociedade*” (Ammann,1991:22).

Scherer-Warren (1993), ao analisar os movimentos sociais concluiu que não existe entre os estudiosos, uma concordância acerca do seu conceito, sendo toda ação coletiva de caráter reivindicatório ou de protesto tida como movimento social, independente do alcance ou do significado político ou cultural de luta.

Uma questão que merece atenção nessa discussão é a apresentada por Sousa (1997) e Silva (2000), é a ideia de que o que motiva o surgimento dos movimentos sociais são as relações antagônicas entre as classes, cuja base é estabelecida pela relação capital trabalho. Para as autoras, que não entendem desta forma, os movimentos feminista e negro extrapolam os limites de classe e lutam contra uma postura que inclui valores que foram pré-estabelecidos em que o homem e a mulher são vistos com diferenças e, brancos e negros, da mesma forma.

A história do movimento feminista, de acordo com Toledo (2001), pode ser compreendida a partir de três grandes ondas. A primeira se situa no final do século XIX denominado de movimento sufragista (luta por direito ao voto feminino) e por direitos democráticos (direito ao divórcio, educação completa, trabalho etc.). A segunda foi no final dos anos 60 a luta por liberação sexual, e a terceira no final dos anos 70 uma luta de caráter sindical, protagonizada pela mulher trabalhadora, na América Latina.

O movimento negro é uma organização política que cumpre o papel de explicitar a contradição no cenário social, político e econômico (Cunha: 1992 Apud Sousa: 1997). Nesse processo histórico dos movimentos sociais, para Silva (2000) não foram explicitadas e privilegiadas as experiências organizativas empreendidas pelos movimentos de combate à discriminação racial.

A luta das mulheres negras contra o racismo e suas manifestações, através do preconceito e da discriminação racial e contra as contradições presentes na relação entre os gêneros, tem feito progressos notáveis no campo dos direitos sociais e humanos. Contudo, a realidade demanda uma ampliação desta luta, com capacidade de apreender na dinâmica social os antagonismos presentes e inerentes a ela.

No que diz respeito à luta pela vida, compreendida na resistência cotidiana que acolhe

... é a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder (Gonzalez: 1982: 104).

A dinâmica social onde está inserida a mulher negra é movida pela ordem capitalista, o que faz com que a luta da maioria seja por direitos sociais² e muitas vezes direitos básicos de sobrevivência, reivindicando junto aos poderes públicos a satisfação de demandas que decorrem das próprias exigências do capital, tal como ele se constitui atualmente.

A mulher negra sempre necessitou estar inserida na luta por melhores condições de existência e isto se dava através de diversas formas de organização, desde o período escravista, no pós-abolição e até os dias atuais, com organizações que nem sempre se acomodaram nos moldes formais, mas que sempre foram constantes.

Segundo Carneiro, (2001) é em meio a esta dinâmica que o processo de emancipação³, de busca de igualdade de direitos das mulheres negras ganha força estabelecendo novos desafios. Para Araújo: (2001), motivadas pelo desejo de transformação da sua realidade é que as mulheres negras aderiram aos movimentos

² Sobre direitos sociais ver: VIEIRA, Evaldo A. As políticas sociais e os direitos sociais no Brasil: avanços e retrocessos. Revista Serviço Social e Sociedade N.º 53, 1997.

³ Para Tonet (2001), a emancipação que as mulheres negras buscam e conquistam é a emancipação política.

feministas. Ao longo de sua trajetória, o feminismo tanto criou novos valores nas relações sociais com também muitos mitos de origem, entre eles o que se traduzia no paradigma de que todas as mulheres eram iguais.

O feminismo promoveu uma perspectiva universalista num discurso voltado para uma irmandade entre as mulheres e desta forma, não davam ênfase às diferenças. É na década de 80, diz Araújo (2001), que no seio do movimento feminista as mulheres negras começam levar para as discussões as suas especificidades tremulando uma nova bandeira de que eram mulheres, mas eram negras, logo com especificidades da raça.

O feminismo em suas formulações iniciais pelo menos tem sido caracterizado pela ênfase da opressão comum da mulher, a experiência compartilhada da irmandade. No entanto, a tendência de focalizar a questão exclusivamente sobre as experiências comuns das mulheres leva a uma desconsideração das diferenças significantes entre as mulheres, particularmente em termos de raça (King, 1993 apud Gehlen 2003).

Esta postura ocasionou lutas internas no movimento feminista, pois segundo comentários de Lélia Gonzalez, em entrevista, as feministas brancas com orientação progressista e, aparentemente, de esquerda, negaram o significado da raça e seu impacto nas vidas de mulheres negras e que as brancas eram hesitantes em relação à discussão sobre raça por causa da sua própria cumplicidade com a dominação racial. Enquanto na superfície parecia que as mulheres brancas e negras poderiam se unir e lutar contra sua opressão comum enquanto mulheres, diferenças entre elas, em termos de experiências e lugares, tornaram-se fontes de conflito e divisão dentro do movimento (Caldwell, 2000).

O movimento feminista não acolhe as questões postas pelas mulheres negras motivando-as para uma ação política organizativa específica em decorrência da insuficiência com que são tratadas as suas especificidades dentro do movimento feminista. O mesmo ocorre com as mulheres negras no movimento negro, posto que em um, o acesso vai ser negado por serem mulheres confrontando-as com os desdobramentos de gênero e no outro, são negados o avanço nas questões raciais.

Isto vai culminar no que Carneiro (2001), evidencia como dupla militância que se impõe às mulheres negras como forma de assegurar que as conquistas no campo racial não sejam inviabilizadas pelas persistências das desigualdades de gênero e para que as conquistas dos movimentos feministas não privilegiem apenas as mulheres brancas.

Dando visibilidade a luta

Toda a história de luta construída pelas mulheres negras é, muitas vezes, desconhecida da população negra e principalmente das mulheres negras, como também são restritos os estudos sobre as diversas formas de organização das mulheres negras que povoam as favelas. Durante a vigência do golpe militar de 1964, os movimentos sociais tiveram que recuar o que motivou, na década de 70, diversos movimentos de base que surgiram a partir do desenvolvimento de laços de solidariedade (Correia, 1999).

Emerge daí a necessidade de explorar este campo. Marcar caminhos não percorridos ou insuficientes, capazes de levar a descobertas originais, é o início de uma nova proposição, na qual reivindicar melhores condições de vida não representa a conquista do poder estatal, mas significa segundo Karner (1987), tratar de criar, de viver mais humanamente, não mais deixar alienar-se pelos outros e realizar diariamente atos de solidariedade.

As mulheres negras faveladas desconhecem, na sua grande maioria, o caminho de luta traçado pelos movimentos e organizações de mulheres negras, mas ao contrário das falácias teóricas e políticas não são apenas objetos da vontade dos grupos dominantes, mas também sujeitas da sua história, dotadas de percepção da sua situação e que, de maneira informal, se organizam para modificá-las.

Gebara (2000) estudando as mulheres pobres as nomeia de “desorganizadas”. Mesmo compreendendo o caminho traçado pela autora, que utiliza a expressão pelo fato das mulheres não pertencerem a movimentos sociais organizados, não se pode concordar, pois segundo MOISÉS (1982), é visível a existência de uma ampla gama de formas as mais variadas, pelas quais as classes populares se organizam. Por isso, não deixa de ser importante procurar essas formas, muitas vezes espontâneas, pois elas indicam uma determinação, poucas vezes, conhecida na história da organização.

Concorda-se com o autor supracitado que há espontaneidade nas formas como as classes populares, aqui especificamente as mulheres negras faveladas, se organizam, porém a expressão da espontaneidade exige sempre que se tenha em conta que existem fatores que contribuem para a emergência dessas formas espontâneas de organização. Derivam da situação de pobreza em que vivem as mulheres negras, sobretudo as faveladas.

De acordo com Moisés (1982) a espontaneidade, uma das características fundante da organização informal, não é desprovida de direção política podendo ser vista como um esforço de organização e contendo, implícitos ou explícitos, ideais políticos. Por isso,

ainda que pese toda a espontaneidade nessas ações, a grande questão que se coloca é a de uma alternativa político-organizatória.

Essas ações contêm a possibilidade de que seus participantes tomem consciência da realidade em que vivem, dos alcances e limites de suas próprias forças e, a partir desses movimentos, possam adquirir experiências, propondo novos modelos de organização e luta. Essas organizações são formas não tradicionais de resistência, pois os movimentos decorrentes serão condicionados por estas modalidades e experiências de luta (Moisés,1982).

A organização informal pode ser vista como uma forma de resistência das mulheres negras faveladas e dos pobres de maneira geral, dada sua natureza de surgir em meio à necessidade dos seres humanos de se relacionarem uns com os outros nas mais variadas formas de relações que incluem a amizade, inimizade, simpatia, antipatia, conflito, cooperação, busca de identidade e projeção, baseados em valores e crenças que são compartilhadas pelos membros do grupo (Fortes, 1992:2).

Brant (1980) classifica as formas de organização dos grupos populares como organizados de forma defensiva, grupos em busca de caminhos alternativos de organização e organizações voluntários. Estas classificações contêm os aspectos da voluntariedade, da busca de alternativas, da solidariedade, da coesão social e da criatividade existentes na organização informal no enfrentamento e na busca de suprir carências básicas, produzidas e reproduzidas pelo modo de produção capitalista. Tal sistema tenta encerrar os indivíduos no estreito círculo de seus interesses, impedindo inclusive, que a solidariedade unifique os membros da sociedade, fazendo-os partilhar de modo mais justo os frutos do esforço comum.

A organização informal com sua espontaneidade, criatividade, solidariedade, é um projeto de resistência e mudança social concreto revelando que a favela onde se desenrola o cotidiano da mulher negra, não é um espaço apenas de miséria, mas também de grandeza, não apenas de alienação, mas também de crítica da realidade.

Considerações Finais

A luta dos movimentos sociais (feministas e negros) toca de uma forma ou de outra a cultura do povo, introduzindo mudanças no comportamento e valores socialmente aceitos. O discurso acerca dos direitos das mulheres, presente na favela, está impregnado das ideias e ideais feministas, e as “migalhas” do feminismo organizado misturaram-se à

comida das mulheres pobres e lhes dão um sabor diferente (Gebara, 2000). A influência do discurso feminista pode ser estendida ao movimento negro ampliando, desta forma, o horizonte da sua reflexão.

Essa mudança no comportamento e valores das mulheres negras não tem a mesma força e alcance daquela mudança que ocorre nas mulheres que participam nos movimentos organizados, mas está delineando uma nova compreensão da realidade.

Desta forma, as organizações informais das mulheres negras na favela estão pigmentadas do conteúdo desses discursos, apontando o nascedouro de um processo de reflexão que Erickson (1996), sugere como sendo uma necessidade dos movimentos sociais organizados e institucionalizados pararem para ouvirem o que está acontecendo na favela.

O silêncio dos moradores da favela compõe um discurso social, pois têm incluso na sua expressão, razões das experiências históricas vividas. Para autora acima citada, o silêncio que se expressa tem fala. Os oprimidos têm vozes que transmitem estratégias de sobrevivência. E que para escutá-los é preciso ir à favela (*in loco*), pois é nesse espaço de construção da história, e só nele, que se pode aprender como elas se organizam para resistir ou como cedem às ações fragmentadas e destrutivas da sociedade.

O processo de reflexão que nasce e se manifesta através das organizações informais, aqui entendidas como uma compreensão crítica da realidade cotidiana opressora em que vivem. A compreensão crítica e o diálogo crítico supõem a ação. É a reflexão das condições concretas que conduz a reagir (Freire 2002). A realidade social objetiva não existe por acaso, não se transforma por acaso. A transformação demanda um processo de organização, originando-se um processo social, dinâmico e contraditório. O processo de reflexão anuncia a conscientização⁴ que não se opera no vazio supõe sempre um contexto de referência.

Um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que homens e mulheres⁵ assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece”. (Freire, 2001:26).

Criar e recriar a existência cotidiana onde a pobreza, a discriminação de gênero, classe e raça é disseminada com força, onde suas falas são confundidas com o silêncio,

⁴ Conscientização entendida como apresentada por Paulo Freire, enquanto um processo pedagógico que sugere que seja antecedida por um aprendizado contínuo.

⁵ Grifo nosso.

mesmo que influencie e seja influenciando pelas ideias dos movimentos sociais, indica que há na favela um lugar da reflexão sobre esta realidade insinuando que processos organizativos acontecem informalmente. A realidade na sua dinamicidade apresentará à sociedade os frutos de tais reflexões.

Referências

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. *Os nós da esterelização*. Recife: 1997.

ARAÚJO, Clara. Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero. In: *Crítica Marxista*, número 11. São Paulo: Boitempo, 2001.

BRANT, Vinícius Caldeira. Da resistência aos movimentos sociais: A emergência das classes populares em São Paulo. In: *São Paulo: O povo em Movimento*. São Paulo: Brasileira de Ciências Ltda, 1980.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Cidadania em preto e branco*. São Paulo: Ática, 1998.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: *Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira*. São Paulo: 2001.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença raça e mulher no Brasil. *Estudos feministas*. 2000.

CORREIA, Tânia Maria da Silva. *LEMBA ODU: práticas informacionais no contexto do Movimento Negro na cidade de João Pessoa – PB*. João Pessoa: 1999.

CUNHA Jr, Henrique. *Texto para o Movimento Negro*. São Paulo: EDICON, 1992.

ERICKSON, Vitória Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.

FREIRE, P. *Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FORTES, Licéia Cianca. *Grupos informais no contexto de uma biblioteca universitária*. Revista Traus formação. V.8 nº 2. 1996.

GEBARA, Ivone. *A mobilidade da senzala feminina: Mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

GEHLEN, Vitória. CADENGUE, Hersília. *Boa prática é uma prática anti-discriminatória*

– a introdução da questão de gênero, raça e etnia no curriculum do Serviço Social. GAP, 2003. Seminário preparatório para a disciplina eletiva: Gênero, Meio Ambiente e Políticas Públicas do Departamento de Serviço Social da UFPE, Recife, 2003. Mimeografado.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1972.

KÄRNER, Hartmut. Movimentos sociais: revolução no cotidiano. *In: Uma revolução no cotidiano? Os movimentos sociais na América do Sul*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LIMA, Maria Batista e CUNHA Jr, Henrique. *Repertórios culturais de base africana, identidade afrodescendentes e educação em Sergipe*. Série pensamento negro em educação. Florianópolis: 2001.

LIMA, A. Barbosa. *Participação social no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1983.

MOISÉS, José Álvaro. O Estado, as contradições urbanas e os movimentos sociais. *In: Cidade, povo e poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MOSER, C. *La planificación de género y desarrollo: teoría, práctica y capacitación*. Lima: Red entre mujeres, 1995.

RAIMUNDO, Valdenice José. Mulheres e negras na contramão da história. *In: Pastoral Urbana: a co-responsabilidade no Nordeste*. Viçosa: Ultimato, 2002.

REZENDE, Maria Valéria. *Existe um lugar da mulher nos movimentos?* Gaveta Aberta n. 1 Equip Mov. 1994.

SILVA, Marlise Vinagre. Serviço Social gênero e etnicidade: tecendo as primeiras aproximações. *In: Card. de comunicações do 8º CBAS*. Salvador: 1995.

SANTOS, Milton. *O Brasil a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SILVA, Maria Palmira. O anti-racismo no Brasil: considerações sobre o estatuto social baseado na consciência racial. *In: Revista Psicologia Política*. São Paulo: 2000.

SOUZA, Tereza Cristina Vital de. *Com a palavra o Movimento Negro*. contestando o racismo e desmistificando a democracia racial. Recife, 1997.